O LIVRO DE RUTE - INTRODUÇÃO

O próximo livro da Bíblia conta a história de Rute, uma moça moabita que, tendo se casado com um israelita, tornou-se ela também israelita e veio a ser bisavó do rei Davi. A história de Rute não é bem situada no tempo: apenas é dito que ela viveu no tempo em que Israel era governado pelos Juízes.

O livro tem apenas quatro capítulos, vai ser rapidinho. Então relaxem, estiquem as pernas: vamos conhecer uma das grandes mulheres da Bíblia, tanto que mereceu um livro só para ela.

RUTE E NOEMI

(Rute 1)

No tempo em que os juízes governavam, houve uma grande fome em Israel. Então um homem, de nome Eimeleque, saiu de Belém (também conhecida como Efrata), sua cidade natal, e foi com sua família morar em Moabe. Eimeleque era casado com uma mulher chamada Noemi, e eles tinham dois filhos: Malom e Quiliom (curiosidade: em hebraico, *malom* é "doença" e *quiliom* é "desperdício". Sacanagem botar esses nomes nos filhos...). Após algum tempo morando em Moabe, Eimeleque morreu e Noemi ficou morando com os filhos, que se casaram com duas moças moabitas chamadas Orfa e Rute. Depois de quase dez anos em Moabe, Malom e Quiliom também peidaram no fubá, deixando as três mulheres desamparadas.

Um dia finalmente chegou a boa notícia: a fartura tinha voltado a Israel. Noemi ficou muito alegre, é claro, arrumou suas coisas e pegou a estrada com as noras. No meio do caminho, porém, ela pensou melhor e disse a elas:

— Não, isso está errado. A terra de vocês é aqui, não em Israel. Voltem pras suas casas, fiquem com suas mães. Que Javé abençoe e vocês, que consigam casar-se novamente e ter uma vida feliz.

Ela se despediu delas com um beijo, e ia continuar a viagem sozinha, mas as duas começaram a chorar:

— Ô, Dona Noemi! Não vamos voltar não. Queremos ir com a senhora!

— Ai meus ovários... Pra que cês querem ir comigo? Acham que eu, nessa idade, ainda vou ter filhos para que se casem com vocês? Já estou velha demais para me casar de novo. Além do mais, mesmo que eu arrumasse um homem besta o suficiente para

querer se casar comigo, e que eu tivesse filhos, vocês iam esperar os meninos crescerem para se casarem com eles? Claro que não, claro que não! Javé está contra mim, só fode com a minha vida, e se vocês ficarem por perto é capaz de sobrar pra vocês.

— Não importa, Dona Noemi!

— Peraê, Rute. O que Dona Noemi disse até que faz sentido...

— HÃ???

— É, ué. A gente não pode ficar vivendo lá em Israel, encalhadas a vida toda.

— Bom, você faça o que quiser. Eu não vou embora.

— Hum... Então tá. Tchau, Dona Noemi. Tchau, Rute. Boa sorte...

E Orfa voltou para Moabe.

— E você, Rute? Vai ficar aí olhando pra minha cara feito uma songa-monga? Sua cunhada voltou para Moabe e seus deuses, por que você não faz o mesmo?

— A senhora não pode me obrigar a abandoná-la, Dona Noemi! Eu vou aonde a senhora for, e vou morar onde a senhora morar. O seu povo será o meu povo, e o seu deus será o meu deus. Onde a senhora morrer, eu morrerei também, e que Javé me castigue se outra coisa que não a morte me separar da senhora.

— Mas que carrapato você é, hein? Puta que pariu...

Mas na verdade Noemi ficou comovida com essa demonstração de carinho e lealdade, e aceitou que Rute fosse com ela. As duas continuaram a viagem até Belém. Quando chegaram, a cidade toda se agitou: a mulher de Eimeleque, que partira há mais de uma década, voltava acompanhada de uma moça moabita. Estava velha; o tempo não fôra clemente com Noemi. As mulheres de Belém se perguntavam:

— Essa é a Noemi mesmo?

Ao que ela mesma tratou de responder:

— Noemi é o caralho! Meu nome agora é Mara, POR-RA!

Parece uma grosseria gratiuta, mas explico: *noemi*, em hebraico, quer dizer "feliz", enquanto *mara* é "amarga". E Noemi continuou:

— Javé só me deu amarguras nessa vida. Perdi meu marido e meus dois filhos. Eu tinha tudo quando saí daqui, mas graças a Javé voltei sem nada. Então por que vocês me chamariam de Feliz, se tudo o que Deus me deu foi aflição e sofrimento?

Noemi estava revoltada, e com razão: era triste a perspectiva das duas mulheres sozinhas em Belém. Mas a colheita de cevada estava para começar, e uma grande mudança ocorreria na vida de Rute e Noemi. Como veremos no próximo capítulo.

RUTE ENCONTRA BOAZ

(Rute 2)

Onde é que estávamos? Ah, sim: começou a colheita de cevada em Israel, depois de anos de fome. Rute, sempre disposta a ajudar, foi falar com a sogra:

— Dona Noemi, eu estava aqui pensando num jeito de ajudar a senhora aqui, de botar comida dentro de casa, essas coisas.

— Ah, minha filha, que bom! Já escolheu o ponto, ou vai trabalhar em boate?

— Er... Na verdade eu estava pensando em ir catar espigas.

— Ah. C-claro, claro. Excelente idéia, Rute.

Então Rute foi para o campo e começou a andar atrás dos trabalhadores que faziam a colheita, apanhando as espigas que eles deixavam cair no chão (de acordo com a lei mosaica, o segador estava proibido de voltar atrás para pegar o que sobrava: o que caía no chão era destinado aos pobres). Rute foi indo atrás de um e de outro, e acabou entrando na propriedade de um certo Boaz. Esse Boaz, vejam só, era parente de Elimeleque, o finado esposo de Noemi. Pois bem, Rute estava naquela labuta quando o dono da plantação chegou e foi falar com os empregados:

— Que Javé esteja com vocês.

— Nah, com você.

Notando a presença tímida de Rute logo atrás de seus funcionários, Boaz perguntou ao chefe dos segadores:

— Ei. Quem é aquela moça ali?

— É a moabita que veio para cá com a Dona Noemi. Ela pediu para que eu a deixasse ir atrás da gente, catando as espigas que fossem caindo. Eu não achei nada de mais, autorizei. Ela está trabalhando desde cedo e só parou pra descansar um pouquinho na sombra.

— Hum... Rute, não é?

— Sim Senhor...

— Escute, minha filha: não vá catar espigas em nenhuma outra plantação. Fique por aqui, e trabalhe perto das minhas servas, ficando com elas quando forem cortar espigas. Eu já dei ordem aos empregados para não mexerem com você, não se preocupe. E quando você sentir sede, pode beber a água que os empregados tirarem para beber.

[A partir de agora, Rute (assim como Noemi, mais tarde) passa a falar o velho e universal idioma chamado mulherês. Sabe aquele negócio de dizer uma coisa que significa o contrário, um filho do sarcasmo e sobrinho-neto da ironia? Pois então: nos próximos diálogos, transcreverei normalmente o que foi dito, e botarei entre parênteses e em itálico (a la Stephen King) o verdadeiro significado das palavras. Preparados?]

Quando Boaz terminou de falar, Rute ajoelhou-se, encostou o rosto no chão e disse:

— Por que foi que o senhor reparou em mim, e é tão bom assim para uma mera estrangeira? *(Sim, sim, quanta bondade! Podia me dar um emprego decente, ou então alguma comida, mas não! Me dá autorização para sair catando espigas caídas, como se isso já não estivesse previsto na lei de seu país. Cara-de-pau...)*

Boaz não falava mulherês (nenhum homem fala), então apenas respondeu à pergunta:

— Eu ouvi falar do quanto você ajuda sua sogra, e que deixou sua família em Moabe para vir viver em Israel com ela, no meio de gente desconhecida. Que Javé a recompense, minha filha, que o Deus de Israel, que você veio procurar, te dê uma grande recompensa.

— Ah, mas assim já é demais! O senhor está sendo muito bom para mim. O senhor me dá ânimo, falando assim com tanta bondade. Eu bem sei que mereço menos do que uma de suas empregadas. *(Pelo jeito eu não mereço mesmo é nada. O negócio por aqui é na base do 'Deus lhe pague'. Já vi tudo...)*

Rute continuou trabalhando. Na hora do almoço, Boaz mandou chamá-la.

— Rute, venha aqui. Não se acanhe. Olha aí, pode comer.

Rute sentou-se entre os trabalhadores, e Boaz lhe deu cevada torrada para comer. Cevada torrada. CEVADA TORRADA! Sei não, tenho cá pra mim que cevada só presta se for assada com água e fermento, em forma de pão, ou então fermentada, como cerveja. Cevada torrada deve ter gosto de cabeça de alfinete. Mas Rute, sempre muito educada, empanturrou-se de grãos. E quando ela se levantou para voltar ao trabalho, Boaz ordenou aos empregados:

— Deixem a menina pegar espigas onde bem entender, e não mexam com ela. Aliás, deixem algumas espigas caírem de propósito, se puderem.

E assim Rute catou espigas até de tarde. Depois debulhou os grãos das espigas e os pesou: vinte e cinco quilos, nada mal para um dia de trabalho (fora a diversão que deve ser trabalhar o dia todo curvada sob o sol do Oriente Médio). Ela pegou sua cevada, assim como o que lhe sobrara do almoço (CEVADA TORRADA, MEU DEUS!), e levou tudo a Noemi. A sogra ficou espantada com a quantidade de grãos:

— Rute do céu! Onde é que você foi catar espigas hoje? Que Deus abençoe o homem que se interessou por você! *(Tomara que esse sovina pelo menos tenha o azar de engravidar você; só assim pra gente sair da merda)*

— Um tal de Boaz, Dona Noemi, um homem muito bondoso. *(Filho da puta nojento...)*

— Que Javé abençoe Boaz, que é bondoso tanto com os vivos como com os mortos. Rute, não sei se você sabe, mas Boaz é nosso parente próximo, e um dos responsáveis por nós. *(Filho da puta nojento...)*

— Não sabia, Dona Noemi! Que maravilha! E sabe da maior? Ele disse que eu posso continuar trabalhando lá! *(Mas que bosta!)*

— É bom que você vá mesmo, filha, porque se você for trabalhar na plantação de outro homem, é capaz que seja humilhada. *(Esse é parente, pelo menos tem obrigações)*

Assim Rute continuou trabalhando nas plantações de Boaz até o fim da colheita da cevada e do trigo. Mas o fim da colheita não seria o fim da história de Rute e Boaz, como veremos.

O GOLPE DE NOEMI

(Rute 3)

A época da colheita terminou, e Rute voltou à vida de sempre. Não agüentando mais ver a nora ali sem fazer nada, só criando bunda, Noemi foi falar com ela:

— Rute, preciso arranjar um marido pra você. É por nada não, mas cê já tá meio passada, não temos tempo a perder. Cê lembra do Boaz, né? Aquele da cevada?

— Claro. *(Infelizmente)*

— Pois muito bem. Se eu bem o conheço, esta noite ele vai debulhar cevada. E você vai tomar um banho (tá precisando, hein?), botar perfume e vestir sua melhor roupa. Depois, vá até o lugar onde ele está trabalhando, mas sem que ele a veja.

Noemi explicou todo o plano a Rute, e ela seguiu as instruções da sogra. Ao chegar à propriedade de Boaz, viu enquanto ele debulhava os grãos (da cevada, não dele, por favor!). Depois do trabalho, ele jantou pão de cevada com espigas secas e tomou cerveja. Estando já um tanto bêbado, deitou-se num monte de cevada. Gostava de cevada, o danado.

Ao ver que ele dormia, Rute foi se aproximando devagarinho, levantou a coberta de Boaz e deitou-se aos pés dele. No meio da noite ele acordou de repente (com uma puta dor de cabeça e uma sede infernal), e ficou espantado de ver uma mulher deitada ali com ele.

— Er... Quem é você?

— Sou Rute, sua empregada.

— Ah. Rute. Hum. O que aconteceu? Quero dizer... Bom. Você sabe.

— Você é nosso parente próximo, e tem que nos proteger.

— Hum. É. Tá. Então. Puxa, que coisa, não? Eu sabia que você era leal à sua sogra, mas não tinha nem idéia de que sua lealdade à família do seu sogro fosse grande a esse ponto...

— Hehehe. *(Trouxa)*

— Mas é sério! Podia ter ido procurar um homem mais moço, mas veio aqui. Puxa... Olha, não tenha medo, viu? Todos aqui em Belém sabem que você é moça direita. Não se preocupe, vou fazer o que você quiser.

— Puxa, seu Boaz. Obrigada. *(Trouxa)*

— Que é isso, que é isso... Só que tem um negócio: de fato, eu sou parente próximo da Noemi, mas tem um cara aqui na cidade que é parente mais próximo ainda. Então vamos fazer o seguinte: você fica aqui comigo o resto da noite, e amanhã eu falo com o tal sujeito. Se ele quiser ficar responsável por você, tudo bem. Caso contrário, eu juro por Javé que assumirei minha responsabilidade.

— Er... Obrigada, seu Boaz. Muito obrigada. *(Mas que grande filho da puta!)*

Percebem? Rute deitou-se aos pés de Boaz, que acordou ainda meio bêbado, viu a mulher e deduziu que ele a levara para a cama. O plano de Noemi seria perfeito, não fosse o detalhe de Rute ser viúva. Se se tratasse de uma virgem, seria uma situação mais complicada. Como era viúva, Boaz ainda teve a presença de espírito para lembrar-se do outro parente de Elimeleque.

Bom, Rute voltou a dormir, mas acordou quando ainda estava escuro, para sair enquanto não havia ninguém acordado. Ela não podia correr o risco de ser vista, não agora que o casamento de Boaz não era tão garantido como Noemi calculara.

— Já vai, Rute? Peraí. Tire a sua capa e estenda-a aqui no chão.

Rute o fez e, adivinhem? Sim, sim: Boaz despejou uns vinte quilos de cevada sobre a capa, ajudou Rute a ajeitar o fardo sobre os ombros e despachou-a. Ela foi de lá até a casa de Noemi maldizendo todos os homens e todos os grãos do mundo. Ao chegar, foi recebida por Noemi:

— E aí, minha filha? Como foi?

— Hum. Mais ou menos. Ele disse que há um outro parente do seu finado marido, ainda mais próximo que ele.

— Ah, não! Não pode ser! Não p... Putz, é verdade. Tem aquele fulaninho lá. Ah, mas que merda! Como é que eu fui me esquecer disso?

— Pois é. Ele vai falar com o tal fulaninho. Por enquanto, mandou essa cevada pra gente.

— ARGH! Tira esse negócio da minha frente, que se eu comer mais cevada vou começar a produzir cerveja no estômago.

— É, também não agüento mais. Puxa vida, Dona Noemi. Que que a gente faz agora?

— Agora é ter paciência, Rute. Boaz não vai dormir enquanto não resolver esse assunto, pode ter certeza.

O golpe tramado por Noemi, que parecia tão garantido, acabou esbarrando num problema inesperado. Seja como for, Rute arrumou um marido. Mas quem será? Boaz ou o tal fulano?

O CASAMENTO DE RUTE

(Rute 4)

Como vimos no último capítulo, Rute e Noemi ficaram num impasse, ansiosas enquanto esperavam que Boaz resolvesse o assunto com o parente recém-aparecido na história. Numa coisa Noemi estava mesmo certa: Boaz não dormiria enquanto não resolvesse tudo. Tanto que, logo pela manhã, foi até a porta da cidade e sentou-se ali. Quando o tal parente de Elimeleque ia passando, Boaz gritou para ele:

— Ô, fulano! Venha até aqui!

— E aí, Boaz? Tudo bem?

— Beleza... Espera aí um pouquinho. Tenho um assunto para tratar com você, um negócio sério que vai precisar de testemunhas. Já volto.

Ele saiu e em pouco tempo voltou acompanhado de dez homens dos mais importantes de Belém-Efrata. Os doze assentaram-se, e Boaz expôs o assunto:

— Negócio seguinte: Noemi voltou de Moabe e está vendendo as terras de Elimeleque, seu finado marido e nosso parente. Quando soube disso, achei melhor falar com você, já que é o parente mais próximo do falecido. Portanto, se você quiser comprar essas terras, assuma o compromisso aqui, na frente das autoridades. Porque se você não quiser, eu compro, já que sou o segundo parente mais próximo.

— Hum. Taí, gostei da idéia. Vou comprar as tais terras.

— Muito bem, muito bem. É uma excelente aquisição. Mas tem uma condição para a compra.

— Ah é, é?

— É. Se você comprar a propriedade de Noemi, também deverá se casar com Rute, sua nora viúva, para que as terras permaneçam com a família do finado Elimeleque.

— Epa. Casar, é?

— É.

— Não, peraí. Não tô nessa de casar, não. Nem conheço a moça. Além do mais, isso poderia prejudicar meus herdeiros. Compre você as terras, eu tô fora.

Parece mera covardia do sujeito, mas não: de acordo com uma antiga tradição, uma viúva deveria casar-se com um irmão ou parente próximo de seu falecido marido. Os filhos dessa união seriam considerados filhos do morto. Por uma situação assim é que Deus castigou Onan, lá no Gênesis: tendo se casado com a viúva de seu irmão, ele não queria lhe dar filhos. Então praticava o *coitus interruptus*, derramando o sêmen na terra sempre que tinha relações com sua esposa. Deus ficou muito puto com isso, e mandou-lhe um raio na cabeça. Bah, a história toda está lá no Gênesis para quem quiser conferir. Voltemos a Boaz.

Bom, já que o tal sujeito não queria casar-se com Rute (e, por conseqüência, dar filhos ao falecido Malom), Boaz não teve outro remédio senão assumir a responsabilidade. Como era costume na época, o tal fulano entregou a Boaz sua sandália como sinal de que o trato estava feito (assinar uns papéis seria bem mais simples, mas quem é que vai querer simplicidade na Bíblia?). Então Boaz, erguendo a sandália para que todos vissem, dirigiu-se a eles:

— Hoje vocês são testemunhas de que comprei de Noemi tudo o que era de Elimeleque e de seus filhos, Quiliom e Malom. Também me casarei com Rute, viúva de Malom, para que seu nome seja sempre lembrado.

Os outros assinaram embaixo (devem ter entregado suas sandálias a Boaz, também):

— Sim, somos testemunhas. Que Javé faça com que essa mulher seja para você como foram Raquel e Léia, que deram muitos filhos a Jacó, tornando-se assim as mães do povo de Israel. Que a sua família seja como a família de Perez.

— Peraí. Perez não é aquele que nasceu porque Judá achou que sua nora era uma prostituta e passou-lhe a vara?

— É.

— Essa nora não era Tamar, que conseguiu ser viúva de dois dos filhos de Judá?

— É.

— Cês precisam melhorar essas bênçãos aí...

— É...

— Humpf.

Apesar da bênção torta, o trato estava feito. Boaz voltou para a casa (e deve ter tido um trabalhão para explicar que não, não tinha entrado para o comércio de calçados, com tantas sandálias nas mãos) e desposou a Rute. Foi um mero casamento de conveniência, como vimos, mas isso não tem importância. O que interessa é que os dois não perderam tempo, e nove meses depois nasceu-lhes um filho. As mulheres da vizinhança, umas fofoqueiras (as mulheres da vizinhança são sempre fofoqueiras) vieram visitar o recém-nascido. E, com a mania de bênçãos que aquele povo tinha, sapecaram logo a delas em cima de Noemi:

— Louvado seja Javé, que lhe deu um neto para cuidar de você! Que ele venha ser famoso em Israel, que saia na Caras e coma tudo quanto é vagabunda! Ele será o consolo de sua velhice, graças à mãe, essa sua nora que é melhor do que sete filhos!

— Er... Tá. Amém.

Noemi pegou o menino no colo, e pôs nele o nome de Obede. Se Obede foi importante? Não, mas ele teve um filho chamado Jessé, que também não teve grande importância. Em compensação, o filho de Jessé foi Davi, aquele que matou Golias e veio a ser o maior dos reis de Israel.

Iniciado em 5 de fevereiro de 2004
Concluído em 17 de fevereiro de 2004